

IDENTIDADE E SINGULARIDADE EM PEQUENAS CIDADES: O

CASO DE PIRAJU - SP

Thiago Henrique Valério Pereira

Mestrando em Geografia/UNICENTRO

thiagovpereira@hotmail.com

Orlando Moreira Junior

Doutorando em Geografia/UNESP-RC

orlandomoreirajunior@yahoo.com.br

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender a importância da identidade nas pequenas cidades. A cidade utilizada como recorte empírico é Piraju-SP da região de governo de Avaré-SP, localidade que em todo seu processo histórico e na construção do espaço urbano, se alicerçou no seu principal produto econômico “o café”. A produção cafeeira se perpetua até hoje nas fazendas municipais, o que se pretende nesta pesquisa é mostrar que o café se consolidou em uma identidade para o município. A análise será desenvolvida com base no método regressivo-progressivo de Lefebvre, a fim de identificar a sincronia e a diacronia, presentes no tempo e espaço da cidade de Piraju. Por fim, que esta pesquisa possa trazer contribuições nos estudos das pequenas cidades, principalmente na utilização das singularidades locais, pois estas vão nortear para a compreensão das características locais, como também da economia, política e cultura, caso este encontrado na singularidade de Piraju.

Palavras – chave: Identidade; Pequenas cidades; Singularidades; Café; Piraju.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura identificar a construção da identidade em pequenas cidades, tendo como recorte empírico o município paulista de Piraju. A partir deste recorte procuramos discutir as relações entre o passado e o presente na constituição socioespacial que atribui a localidade uma identidade própria.

Primeiramente, influenciou na escolha da temática como objeto de pesquisa a existência de poucos estudos relacionados à identidade e às condições de vida nas pequenas cidades. Esperamos que os resultados da pesquisa contribuam para o debate sobre elas e ofereçam elementos que favoreçam a compreensão de suas especificidades, tendo como base as características que as identificam.

Em segundo lugar, mesmo acontecendo diversos debates e pesquisas na Geografia Urbana, percebe-se que a discussão está centrada nas metrópoles e cidades médias. Apesar de que, nos dias atuais, se pesquise a respeito das pequenas cidades, torna-se importante identificar as singularidades do local, como a “identidade” que influencia a cultura, a economia e a política. Isto pode contribuir para o esforço e desenvolvimento das pequenas cidades.

Por fim, soma-se a estes dois fatores a falta de trabalhos científicos, que possam contribuir para a análise da região onde se localiza e cidade de Piaju, partindo do principal produto econômico destas pequenas cidades, “o café”, que há muito tempo já vem sendo substituído por outras culturas agrícolas, é ainda cultivado nas lavouras dessa região, fator peculiar que faz ser um objeto investigativo, é um produto agrícola que ganhou identidade nesta pequena cidade.

A questão urbana foi onde se buscou as discussões, principalmente pelo fato dela mostrar heterogeneidade e complexidade. E nada melhor do que uma pequena comunidade para entender essa complexidade em pequenos locais, pois lá se encontram algumas singularidades que não se apresenta em outro local. É partir em miniatura a um termo humano universal (ELIAS; SCOTSON, 2000).

Não deixa de ser relevante comentar que as cidades pequenas são um recorte empírico/teórico e que têm sua dimensão específica, pois estão envolvidas em uma totalidade em que se inserem a sociedade e o mundo e, por extensão, as cidades e o fato urbano. Apesar da dimensão espacial específica, a cidade pequena possui ainda uma totalidade particular que a anima e a movimenta no processo de produção capitalista, na formação socioespacial e no desenvolvimento desigual e combinado, a que se referiu Trotsky em vários trabalhos comentados por Jurado da Silva (2011).

A discussão sobre pequenas cidades é algo que neste momento vem sendo discutida por vários trabalhos com diversas temáticas: reprodução social e produção de moradias, Bernardelli (2004); papéis e significados das pequenas cidades, Endlich (2006); relações e especificidades sócio-políticas, Bacelar (2008); migração, memória e território, Medeiros de Melo (2008); revisando o tema de cidade pequena, Soares (2008); segregação socioespacial, Roma (2008); estudos das cidades pequenas no ensino da Geografia, Fresca (2001); pequenas cidades e indústria, Jurado da Silva (2011).

A temática das cidades pequenas é, logo, um grande desafio, pois inspira várias dificuldades. Isso, porque há um horizonte bastante largo para ser explorado na construção conceitual dessa expressão real do fato urbano. Os caminhos são os mais variados possíveis, mas as proposições metodológicas para o estudo desses núcleos urbanos já começam a surgir, como evidenciado no trabalho de Melo (2008).

Para Jurado da Silva (2011) há, nesse universo, cidades pequenas muito distintas entre si e que apresentam particularidades e singularidades que devem ser estudadas com prudência. Isso para que não se venha proferir generalizações e simplificações propondo uma regra universal e categórica para a definição desses centros.

Neste trabalho vamos utilizar como exemplo, as singularidades diagnosticadas no município de Piraju-SP, local onde é desenvolvida a pesquisa e colhemos alguns resultados parciais, para o melhor norteamento desta discussão vamos apresentar exemplos encontrados no município.

A problemática de estudar pequenas cidades, sendo mais exato o caso de Piraju, é analisar elementos tão heterogênicos como o rural e o urbano, mas que nas pequenas cidades são estudados de forma homogênea, buscando compreender a complexidade e a relação entre eles na construção de pequenas cidades.

O objetivo da pesquisa é, portanto, compreender e analisar as relações nas pequenas cidades tomando como objeto de estudo a cidade de Piraju-SP e a sua identidade com a cultura do café. A análise será desenvolvida com base no método regressivo-progressivo de Lefebvre, a fim de identificar a sincronia e a diacronia, presentes no tempo e espaço da cidade de Piraju.

2. METODOLOGIA

A investigação utilizar-se-á do método regressivo-progressivo de Lefebvre que visa compreender a gênese do presente, partindo sempre do atual em direção ao passado, não apenas para explicar o passado, mas, sobretudo, para esclarecer os processos em curso no presente que apontam para o futuro (DUARTE, 2006).

Segundo Duarte (2006) o procedimento se encaixa quando realizamos leituras do passado, mas, não apenas para voltar a história e sim para entender a complexidade do presente. A dialetização do método, perseguida por Lefebvre, impõe a consideração de duas dimensões temporais entrelaçadas: a dimensão horizontal ou sincrônica, que

permite estudar a inserção do objeto de estudo no contexto de sua época, e a dimensão vertical ou diacrônica, que estuda a coexistência de processos históricos diferentemente datados.

O conhecimento deve ser submetido a um “movimento de duplo sentido: regressivo (do virtual ao atual, do atual ao passado) e progressivo (do superado e do terminado, ao movimento que determina aquela conclusão e que anuncia e faz surgir algo novo)” (LEFEBVRE, 1972). Traçando isso podemos compreender como o tradicional e o moderno se faz presente em Piraju. O método regressivo-progressivo de Lefebvre é de grande importância para estudar o urbano, ou a ruralidade urbana, isto apontada no passado.

Procedimento de fundamental importância para entender o universo empírico, o que foi verdadeiro “novo” no passado, se faz “velho” no presente. É perceber mudanças nas atividades sociais do passado-presente e do presente-passado, buscando interpreta-lá com uma metodologia regressivo-progressivo de Lefebvre.

3. EM BUSCA DE UMA CONSOLIDAÇÃO CONCEITUAL PARA A PESQUISA

Para compreender essa discussão proposta, busca-se compreender o que vem a ser uma pequena cidade. A noção de pequena cidade paira em diversos universos, principalmente ao senso comum e mídia, onde sua conotação “cidade pequena”, ganha sentido de vaga e ligada a clichês como pacata, segura, tranquila, sem ao menos passar por um processo investigativo. Para Jurado da Silva:

Quem nunca ouviu indagações a respeito das cidades pequenas, tais como: cidade pequena pacata, cidade pequena miserável, cidade pequena que vivi, nasci ou que conheci? Contudo, esse movimento não cessa e possui uso muito amplo, reproduzindo-se como recortes espaciais e como uma percepção do espaço, baseada na vivência e no sentido prático da construção social e econômica empregada pelas pessoas corriqueiramente. (JURADO DA SILVA, 2011, p. 36)

Algumas discussões sobre pequenas cidades ainda pecam ao entendê-las por elas mesmas o que barra em singularidades. Contudo, os “bons estudos” que se propõem a discuti-las numa perspectiva que as insere na rede urbana, não isolada e sim relacionada. Segundo Sposito (2004), no caso mais específico de pequenas cidades, não

há como estudar seus papéis e significados sem o seu entorno, pois tais papéis só podem ser compreendidos mediante a composição desse cenário.

Na Geografia Brasileira entre os primeiros estudos está o trabalho de Azevedo (1957) com seu texto clássico “Vilas e cidades do Brasil colonial” desde então essa discussão vêm se construindo na Geografia, com maior participação no estudo urbano, devido que as mesmas ocorrências que aconteciam em outras escalas (metrópole e cidade média) também aconteciam na pequena cidade, devido ao seu tamanho era melhor para identificar e estudar em micro escala. Na década de 1960, o trabalho de Davidovich & Geiger (1961) aborda os aspectos do fato urbano no Brasil.

No processo inaugural dos estudos podemos destacar os trabalhos de Sposito (1982), que data o início das contribuições para os processos investigativos nas pequenas cidades. Sucessivo a isso, diversas discussões sobre cidades pequenas vem ganhando força na Geografia com os trabalhos de Bernardelli (2004), Endlich (2006), Soares (2007), Melo (2008), Bacelar (2008), Medeiros de Melo (2008).

A preocupação com a conceituação de pequenas cidades, já aparece com Santos (1982) que preferiu utilizar a expressão cidade local, para relatar sobre as pequenas cidades.

[...] Poderíamos então definir a cidade local como uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica em uma vida de relações. (SANTOS, 1982, p. 71).

Diante disto na pesquisa para conceituar cidades pequenas, tomaremos como dimensão principal a qualitativa, sendo que para essa categoria de cidade vem sendo divulgada uma classificação baseada puramente na definição de classes ou por tipologia.

Para Santos:

Quando se fala de cidades pequenas, a noção de volume da população vem logo à mente. Aceitar um número mínimo, como o fizeram diversos países e também as Nações Unidas, para caracterizar diferentes tipos de cidades no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa. O fenômeno urbano, abordado de um ponto de vista funcional, é antes um fenômeno qualitativo e apresenta certos aspectos morfológicos próprios a cada civilização e admite expressão quantitativa, sendo isso outro problema. (SANTOS, 1982, p. 70)

Mesmo conceituando as cidades a partir de suas funções, com a valorização, portanto, de seus aspectos qualitativos, não iremos abdicar da dimensão quantitativa, pois a interface entre as duas dimensões enriquece sobremaneira a elaboração do conceito. Tal ação, contudo é de difícil elaboração, pois além de contemplar análises qualitativas e quantitativas perpassa pela discussão do próprio conceito de cidade e de urbano, pois, como afirma Endlich:

O conceito de pequena cidade é daqueles de difícil elaboração. As localidades assim denominadas oferecem elementos para se discutir não só o conceito de cidade, pois nelas são avaliados os qualificativos que devem compor o limiar entre a cidade e a não-cidade. As pequenas cidades são localidades em que tais requisitos se apresentam, ainda que com patamares mínimos. (ENDLICH, 2006, p. 85)

Diante da não existência de modelos a serem trilhados - propostas e definições de anseios conceituais haja vista a dificuldade para delinear os estudos de pequenas cidades – criam-se interpretações errôneas. A complexidade de entender o conceito, utilizando o campo qualitativo com o universo empírico faz pensar não só no quantitativo, para buscar interpretações e sincronizar a singularidade do *lócus* com propostas já esboçadas em outros trabalhos.

Já Keller (1968) descreve a organização do espaço do território brasileiro da seguinte forma:

Organizou-se nesse espaço do território brasileiro, que tem São Paulo como cabeça, uma rede urbana estruturada com localidades centrais de quatro escalões hierárquicos: a metrópole, os centros de segunda ordem, (centros regionais), os centros de terceira ordem (centros sub-regionais) e os centros locais de quarta ordem. (KELLER, 1968, p. 308)

Por meio desta classificação ficam posto na pesquisa ora pretendida as ordens hierárquicas das regiões: a metrópole a cidade de São Paulo; os centros regionais de segunda ordem Sorocaba e Bauru; Avaré e Ourinhos em terceira ordem como centros sub-regionais e os centros locais para o município de Piraju. Essa visão na pesquisa aconteceria se fossemos adotar esta organização de Keller (1968). Nessa concepção poderia contemplar Piraju como centro local, que tem relações com seus municípios circunvizinhos e uma hierarquia urbana.

Daí a opção em adotar a classificação proposta por Keller (1968), pois ela permite entender as pequenas cidades não de modo quantitativo, ela se expressa no qualitativo e a classificação consente compreender os centros locais inseridos em uma rede urbana e sua relação com outras escalas hierárquicas.

Segundo Monbeig (1984), a fundação das pequenas localidades explicava-se pela necessidade de fornecer à população rural e, especialmente, aos pequenos agricultores seus “quadros” urbanos. Essas localidades tornaram-se fundamentais. O que Monbeig (1984) expressa é o que aconteceu com Piraju e outras cidades do café. Criou-se núcleos urbanos, por meio da produção cafeeira, o café é intrínseco a Piraju, já estagnada essa concepção se cria uma “identidade”.

4. CONHECENDO PIRAJU

O município de Piraju se localiza na região de governo de Avaré no Estado de São Paulo, como mostra a figura 1. Sua emancipação política¹ ocorreu no dia 25 de abril de 1880 com o nome de São Sebastião do Tijuco Preto, até então freguesia pertencente ao município de São João Batista do Rio Verde, hoje Itaporanga. O nome atual do município foi dado na data do dia 06 de junho 1891, pelo decreto – lei estadual n. 200 com o nome de Piraju². Ele está localizado às margens da Rodovia Raposo Tavares (SP 270) e fica a 90 km da Rodovia Presidente Castelo Branco (SP 280), que liga o interior a capital do Estado. O município fica a 330 km da cidade de São Paulo.

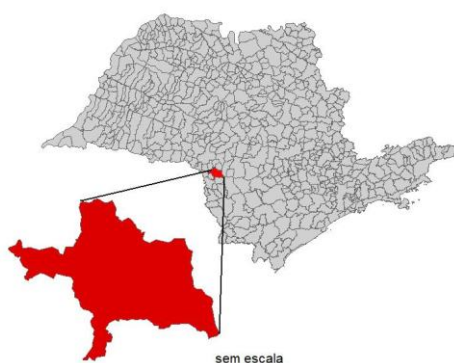


Figura 1: Localização do município de Piraju.

Fonte: IGC, 2011.

Elaboração: Dos autores, 2011.

¹ Elevado à categoria de vila com a denominação de São Sebastião do Tijuco Preto, por Lei Provincial nº 111, de 25 de abril de 1880, desmembrado de Botucatu. Constituído do Distrito Sede. Sua instalação verificou-se no dia 10 de janeiro de 1881. (IBGE - Cidades)

² Derivada de Pira-yu “peixe amarelo” no tupi-guarani.

As cidades circunvizinhas apresentam semelhanças com Piraju, principalmente municípios que em outros momentos já foram distritos de Piraju (Manduri, Sarutaiá, Tejupá e Timburi). Os municípios limítrofes são: Bernardino de Campos, Cerqueira César, Fartura, Ipaussu, Itai, Manduri, Óleo, Sarutaiá, Tejupá e Timburi, tabela 1.

Alguns destes municípios apresentam particularidades encontradas em Piraju, todos são pequenas cidades e algumas ainda têm o café como principal produto agrícola. Já outros possuem em outras culturas como a cana-de-açúcar. São localidades que mantém relações com Piraju, não só por ela ser maior populacionalmente, mas, porque muitas atividades na região só podem ser realizadas em Piraju, tais como ida a agências bancárias, instituições de ensino superior, hospital e entre outros serviços.

Tabela 1 - Municípios limítrofes de Piraju, distância e população

Municípios	População/mil	Distância de Piraju/ km
Bernardino de Campos	10.775	28
Cerqueira César	17.532	42
Fartura	15.320	37
Ipaussu	13.663	36
Itai	24.008	48
Manduri	8.992	24
Óleo	2.673	31
Sarutaiá	3.622	17
Tejupá	4.809	20
Timburi	2.646	34

Fonte: IBGE, 2010. DER – Mapa Rodoviário do Estado de São Paulo, 2011. IGC, 2011.

Elaboração: Thiago Henrique Valério Pereira, 2011.

Os municípios vizinhos são de pequeno porte populacional, como também ocorre em Piraju, segundo o Censo populacional de 2010 (IBGE) a população é 28.475 mil habitantes se encaixando no perfil de pequenas cidades, sendo cerca de 87% residentes urbanos.

Os municípios que polarizam a região é Ourinhos e Avaré, cidades médias³ que suprem determinadas demandas de consumo de sua área de influência, tendo um grau de hierarquia urbana sobre as pequenas cidades. Ourinhos fica a 59 km de Piraju e sua população no último censo (IBGE, 2010) é de 103.035 habitantes, já Avaré fica a 67 km de Piraju e tem uma população de 82.934 habitantes. Segundo o REGIC⁴ (Regiões de influência das cidades) (2007), são esses municípios que vão influenciar as áreas do município de Piraju e os seus municípios circunvizinhos.

Ourinhos e Avaré são os municípios, onde os serviços procurados pela população tanto de Piraju como das pequenas cidades da região, buscam produtos que não são encontrados em seus municípios. São essas cidades que polarizam, tendo outras dinâmicas e complexidades que diferem das pequenas cidades, tanto em quantidade populacional, no grau de urbanização, como no consumo e na prestação de serviços. É possível observar na figura a localização de Piraju entre as duas cidades.

4.1 Piraju e café: construindo uma identidade?

Observando a construção do município e como ele se comporta nos dias atuais, chega-se a conclusão que ele se difere de outros municípios da região administrativa de Sorocaba⁵ e ao mesmo tempo se assemelha a várias cidades circunvizinhas. As diferenças e algumas semelhanças já delineadas “passam a definir uma territorialidade, cujo termo nos leva a indicar uma dinâmica territorial singular” (SOUZA, 2005, p. 99).

Essa singularidade em Piraju deve ser assinalada pela identidade que o café criou no município fez tomá-la como *lócus* para a elaboração desta pesquisa. Piraju se localiza na região de governo de Avaré⁶, e expressa sua territorialidade por meio da produção agrícola cafeeira, que desde o início do século XX foi o principal produto de sua história e que se faz presente até dias atuais.

Neste primeiro momento, expressa sua territorialidade, diagnosticando algumas das transformações que aconteceram no município durante a sua história, por meio de

³ Esta expressão tem sido objeto de reflexão por parte daqueles pesquisadores que trabalham com a problemática urbana, uma vez que têm como desafio maior dar conteúdo teórico conceitual a uma expressão bastante consagrada (SPOSITO, 2001).

⁴ Ver REGIC – Região de Influência das Cidades, 2007.

⁵ Segundo o IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico – Governo do Estado de São Paulo.

⁶ Segundo o IGC – Instituto Geográfico e Cartográfico – Governo do Estado de São Paulo.

informações e imagens do local, realiza uma reflexão sobre os elementos que contribuíram para a leitura deste território, que vão permear a construção desta pesquisa.

Segundo o site (IBGE – Cidades - 2011) a região desenvolveu-se rapidamente e o café, principal lavoura do município colocou Piraju em posição de destaque na vida econômica do país, dotando-lhe de melhoramentos urbanos, como a instalação da luz elétrica, água encanada, esgoto, telefone, bonde elétrico, etc. Chegou a possuir 10% de toda energia elétrica gerada no país e em, 1908, foi inaugurado o ramal ferroviário, cuja construção foi financiada por cafeicultores de Piraju e Fartura, para permitir o escoamento de suas abundantes safras, figura 2.



Figura 2. Inauguração do ramal da Sorocabana, 1908.
Fonte: Acervo Municipal.

Segundo Cáceres (1998, p. 52) “o trem se constituía no maior êxito alcançado até então pela cidade. Ela unia-se ao mundo com tudo o que isso significasse. Acabava-se o isolamento de outras cidades e da capital do estado”. Ao café e às estradas de ferro seguem-se o surgimento dos pequenos núcleos urbanos, localizados sempre às margens das ferrovias. Com a presença de escravos libertos, imigrantes, e de trabalhadores nacionais, como caboclos e caipiras, começa a se constituir na cidade um mercado consumidor, os pequenos estabelecimentos comerciais e industriais, segundo Mello, (2008). Esta fase foi denominada de civilização cafeeira, Moraes Silva (1999).

Soma-se a esse momento o crescimento populacional do município de Piraju a partir da instalação da ferrovia. Com o ramal Sorocabana em 1908, a população na época segundo o (IBGE) alcançou 16.967 habitantes, o que também intensificou a chegada de imigrantes. Segundo Cáceres (1998) até 1930, chegaram ao município para trabalharem nas lavouras de café, 405 famílias espanholas, 356 famílias italianas, 138

famílias sírias, 119 famílias portuguesas, 84 famílias japonesas e 46 famílias de outras nacionalidades. Tanto que até os dias atuais se faz presente, descendentes destas famílias residentes no município, hoje já miscigenada.

Outro fato importante, aliado ao transporte do café, e de fundamental importância para o desenvolvimento, foi a inserção da linha do bonde “Traway”⁷ que percorria as principais fazendas do município e chegava até o distrito de Sarutaiá, figura 3. Escoava as produções de café das fazendas até o ramal Sorocabana e também era um transporte para a circulação da população pelo município.



Figura 3. Bonde “Traway” Elétrico Municipal de Piraju, inaugurado em 1915.
Fonte: Acervo Municipal.

A linha de bonde que atravessava as principais fazendas de café do município atingia o distrito de Sarutaiá, com 26 km de extensão, estando, em 1921, em tráfego o seguinte material rodante: dois carros com motores para passageiros e dois carros sem motores, que eram rebocados “[...]. Para o serviço de carga eram organizados trens, havendo, para isso, outros carros para carga [...] A força motriz era proveniente da usina para esse fim instalada na propriedade de Ataliba Leonel” relata Cáceres (1998, p. 69).

Essas benfeitorias são algumas das características que o desenvolvimento cafeeiro proporcionava para o município no início do século XX e impulsionava a economia municipal, como articulava a formação de lideranças políticas⁸, no ímpeto local, estadual e nacional.

⁷ Em 1914, a prefeitura celebrou um contrato com “Caisse Generale de Prêts Fonciers et Industriels”, para a instalação do “traway” elétrico de Piraju a Sarutaiá. (CÁCERES, 1998, p. 67)

⁸ Políticos como o Coronel Ataliba Leonel, político municipal que chegou a ser senador e foi um dos nomes indicados para ser governador do Estado de São Paulo à época. Ver o livro “Ataliba Leonel - Panorama de uma época” (CÁCERES, 2008).

Mesmo com a crise de 1929, que arruinou os cafezais paulista, Piraju continuava com a produção cafeeira. Para o município ele era a fonte econômica e assim como também ocorreu em esfera estadual, os políticos paulistas em suma maioria da oligarquia agrária, fazendeiros do café, defendiam a manutenção do cultivo cafeeiro nas fazendas paulistas. Mas, essa política não se perfilou por muito tempo, sendo alterada por outras culturas agrícolas e declinando a produção cafeeira paulista. Mesmo assim, em alguns municípios,

apesar das crises que se amiúdam, o café nas zonas virgens continua o melhor negócio do Brasil. Por isso mesmo, paralelamente, vai desenvolver-se no Noroeste, onde está a convidá-lo para a nova arrancada à linha estratégica construída através de numerosas matas e de terras excelentes. Desde 1920 certos núcleos se formam em torno de Lins, Piratininga, Piraju, Penápolis, Avaí. (MILLIET, 1982, p. 62).

Para Delfim Netto (1966), o declínio ocorreu não só pelas intervenções do governo, mas também pela concorrência e a crise do mercado que desequilibrou sua potencialidade econômica, fato este descrito em seu estudo sobre o problema do café no Brasil.

A continuidade do cultivo do café trouxe a Piraju uma identificação com o produto agrícola, assim, o município passou a se identificar criando “elementos culturais” que se assemelhavam ao produto, como podemos observar na figura 4.



Figura 4. Cartaz de divulgação da 1ª Feira do Café de Piraju de 1968.
Fonte: FECAPI-FAIPI, 2011.

Desde 1968 acontece anualmente no município a feira do café de Piraju “FECAPI”, que releva o principal produto agrícola e caracteriza com grande

potencialidade. Até os dias atuais, a festa do café de Piraju é prestigiada, tanto pela população local e também pela região.

De acordo com Cáceres (1998, p. 438), “a 22 de junho de 1978, o prefeito declarou de utilidade pública, para fins de desapropriação, uma área de 14 hectares e 64 ares, destinada à criação de pontos de interesse turístico. A área pertencia a Dionísio Hernandez e é o local onde hoje funciona a Fecapi-Faipi”. O recinto foi concluído e inaugurado 1979, desde então a Feira do café de Piraju (FECAPI) e a Feira agropecuária e industrial de Piraju (FAIPI), passaram a ser realizada neste local, figura 5.



Figura 5. Recinto de exposições na Feira do Café de Piraju, 2009.
Fonte: FECAPI-FAIPI, 2011.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, verifica-se que a relação entre tempo e espaço estão estreitamente relacionadas tanto à produção das cidades pequenas quanto na construção da identidade das mesmas. As transformações na estrutura intra-urbana das cidades pequenas ocorre a passos lentos, visto que a lógica de organização e distribuição do solo urbano passa por poucas mudanças locais. Nas cidades pequenas, as formas passadas se cristalizam com maior intensidade no espaço urbano atual, presente na arquitetura, nos tipos de construções, no traçado, extensão e largura das vias, no desenho e disposição das quadras, no uso do solo, numa série de objetos arquitetônicos.

Ademais, as ruas, as quadras, os monumentos, os espaços públicos, a distribuição espacial das edificações, das moradias e dos equipamentos urbanos revelam os meandros do processo de expansão urbana e nos remete a pensar nos constantes processos de refuncionalização dos espaços, onde o novo aparece metamorfoseando o

antigo, que se refuncionaliza a fim de atender novos interesses, e cujas novas configurações da forma sobrepostas aos resquícios permanentes ao escoar do tempo nos convidam a pensar os vários caminhos trilhados na formação da identidade das cidades.

6. REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. Vilas e cidades do Brasil colonial – ensaios de Geografia Urbana retrospectiva. **Anais...** São Paulo: AGB, v. 11, tomo I, 1954-1955, p. 168-184, 1957.

BACELAR, W. K. A. **A pequena cidade nas teias da aldeia global:** as relações e especificidades sócio-políticas nas pequenas cidades de Estrela do Sul, Cascalho Rico e Grupiara – MG. 2008. 411 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

CÁCERES, M. F. S. **Piraju memórias políticas e outras memórias.** São Paulo: Pró-texto comunicação. 1998.

DAVIDOVICH, F. R.; GEIGER, P. P. Aspectos do fato urbano no Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 263-362, abr. - jun., 1961.

DELFIN NETTO, A. **O problema do café no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Ipe Usp, 1966.

DUARTE, C. F. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. In: Denise Barcellos Pinheiro Machado. (Org.). **Sobre urbanismo.** 1 ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Ed. PROURB, 2006, v. 1, p. 27-3.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ENDLICH, A. M. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades no Noroeste do Paraná.** 2006. 505p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

IBGE. **Censo demográfico de 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2010.** Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: várias datas.

IBGE. **Cidades.** Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> >. Acesso em várias datas.

IBGE. **Regiões de influência das cidades 2007.** Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201 p. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm>>. Acesso em várias datas.

IGC. **Mapa da divisão municipal.** Disponível em: <http://www.igc.sp.gov.br/produtos/divisao_municipal.html>. Acesso em: 13 jun. 2011.

JURADO SILVA, P. F. **Cidades pequenas e indústria:** contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. 2011. 282p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

KELLER, Elza C.S. **Redes urbanas.** In: FIBGE – Divisão de Geografia. Geografia do Brasil: a grande região sul. Rio de Janeiro: FIBGE, 1968. v. IV, Tomo II.

MOLBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo.** São Paulo: Hucitec, 1984.

MILLIET, S. **Roteiro do café e outros ensaios.** São Paulo: Hucitec, 1982.

MORAES SILVA, M. A. **Errantes do fim do século.** São Paulo: Unesp, 1999.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade:** ensaios. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, M. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CORREA, R. L. et al. (Org). **Geografia: Conceitos e temas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPOSITO, E. S. **Migração e permanência das pessoas nas cidades pequenas:** os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana. 1982. 238 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPOSITO, M. E. B. **O Chão em Pedacos: urbanização, economia e cidades no Estado de São Paulo.** 2004. 508f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.